As mudanças climáticas são um dos maiores desafios globais da atualidade, com impactos que incluem o aumento das temperaturas, desastres naturais mais intensos e a perda de biodiversidade. Muitos especialistas apontam que o sistema capitalista, ao priorizar o lucro e o crescimento econômico contínuo, é um dos principais responsáveis por essa crise. O modelo de produção e consumo exagerado gera uma exploração excessiva dos recursos naturais, levando à degradação do meio ambiente. Como afirmou o filósofo Zygmunt Bauman: "o problema não é consumir; é o desejo insaciável de continuar consumindo".

A lógica capitalista ignora os limites ecológicos e desorganiza os ciclos naturais, colocando em risco o futuro das gerações e da própria vida no planeta. Aílton Krenak nos alerta sobre isso ao dizer: "Nós estamos desorganizando a vida aqui no planeta, e as consequências disso podem afetar a ideia de um futuro comum". De fato, a busca por crescimento econômico a qualquer custo, impulsionada por essa insaciabilidade, contribui para o agravamento das mudanças climáticas.

Além disso, o impacto desigual desse sistema é visível: enquanto países ricos são responsáveis pela maior parte das emissões, são as nações mais pobres e vulneráveis que sofrem as piores consequências das mudanças climáticas, enfrentando eventos extremos como secas e enchentes. Isso evidencia não apenas uma crise ambiental, mas também uma crise social e ética, já que os mais afetados têm menos recursos para se adaptar.

Embora existam iniciativas como o uso de energias renováveis, elas ainda são insuficientes para reverter o quadro atual. Portanto, as mudanças climáticas são, na maioria, um reflexo de um sistema capitalista que precisa ser reestruturado para garantir um futuro sustentável.